

FUNDAMENTOS IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS DE EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA NAS OBRAS DE MARX E ENGELS

Marcos Antônio Bezerra Lima¹

Rodrigo dos Santos Andrade²

Eduardo Ferreira Chagas³

RESUMO

Este artigo trata da questão da educação e pedagogia em Marx e Engels, sobre se há nesses autores elementos filosóficos suficientes para a defesa de concepções educacionais e pedagógicas em suas obras. Em Marx e Engels, não só em um, ou em outro, pelo entrelaçamento profundo que há entre eles, na defesa de suas ideias. Não que não haja independência e particularidade de cada um, mas, mais precisamente pela parceria dos dois, ocorrida em 1844 e que perdurou por todas as suas vidas. Nosso objetivo é apresentar os traços fundamentais dos princípios de uma educação e pedagogia nas obras dos autores, demonstrando como, onde e de que forma aparecem as questões fundamentais, a partir dos fundamentos filosóficos, sociológicos e metodológicos desta ciência, pressupondo o posicionamento crítico deles em relação ao modelo socioeconômico de sua época, o sistema capitalista de produção, que perdura até o presente. Para cumprir com o nosso objetivo, detalharemos como a educação pode ser encontrada nas obras desses pensadores, articulando o posicionamento filosófico deles em duas partes principais: concepções implícitas e explícitas de educação e pedagogia, uma vez que não há uma obra específica dos autores que trate diretamente desta temática.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia; Marx; Engels.

IMPLICIT AND EXPLICIT FUNDAMENTALS OF EDUCATION AND PEDAGOGY IN THE WORKS OF MARX AND ENGELS

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC; Mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE; licenciado e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC; licenciado em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA; bacharel em teologia pelo Centro de Humanidade da UNINTER; pós-graduado (especialização) em Gestão Escolar pela Faculdade Única e em Psicomotricidade Relacional pelo Centro Internacional de Análise Relacional - CIAR/FACEL.

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC; Pós-Graduado (especialização) em Gestão Escolar pela Faculdade IBRA - FABRAS de Brasília e em Políticas Públicas pela Faculdade FIBMG - de Minas Gerais; Graduado em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

³ Professor efetivo do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC, professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFC, professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED - UFC e professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

ABSTRACT

This article addresses the issue of education and pedagogy in the works of Marx and Engels, specifically whether there are sufficient philosophical elements within their writings to support educational and pedagogical conceptions. In Marx and Engels—considered jointly rather than separately—there exists a profound interconnection in the defense and development of their ideas. This is not to deny the individuality and particularities of each thinker, but rather to emphasize the intellectual partnership that began in 1844 and endured throughout their lives. Our objective is to present the fundamental features of the principles of education and pedagogy in their oeuvre, demonstrating how, where, and in what manner essential questions emerge, based on the philosophical, sociological, and methodological foundations of this field. We do so while presupposing their critical stance toward the socioeconomic model of their time — the capitalist system of production — which remains dominant to this day. To achieve our objective, we will detail how education can be found within the works of these thinkers, articulating their philosophical position in two main dimensions: the implicit and explicit conceptions of education and pedagogy, given that neither author produced a specific work dedicated exclusively to this theme.

Keywords: Education; Pedagogy; Marx; Engels.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a questão da educação e pedagogia em Marx e Engels, a partir da perspectiva de que há nos autores, de forma implícita e explícita, elementos conceituais, práticos e filosóficos, suficientes para se defender concepções educacionais e pedagógicas em suas obras, apesar de não terem proposto, nem, tampouco escrito, algum trabalho direcionado a esse fim. No entanto, é compreendido que há em Marx e Engels, não só em um, ou em outro, mas nos dois, apesar da independência autoral de cada um, traços fundamentais dos princípios constituidores de educação e pedagogia.

Demonstramos como é possível extrair de suas obras elementos filosóficos, sociológicos e metodológicos destas ciências educacionais, educação e pedagogia, a partir do posicionamento crítico deles em relação à gênese humana e social da vida coletiva e a relação da cultura, da arte, da ética e da história com o modo de produção e reprodução da vida no sistema capitalista, que perdura até o momento presente.

Para cumprir com tal objetivo, será detalhado como a educação e a pedagogia podem ser encontradas nas obras desses pensadores, a partir de

elementos implícitos e explícitos, ou seja, a partir de situações em que é possível relacionar questões por eles propostas, e nelas encontrar elementos educativos e pedagógicos, bem como demonstrar, através de seus posicionamentos sobre a questão educacional, como essas questões aparecem de forma explícita.

Além disso, será demonstrado, também, que algumas categorias são fundamentais nesta análise, tais como: trabalho, epistemologia, história, método, trabalhadores, burguesia, propriedade privada, escola, família, ideologia e outras. Tudo isso vinculado à crítica deles ao idealismo hegeliano e à perspectiva de uma não separação entre subjetividade e objetividade e, principalmente, o ideal de transformação social, isto é, de superação do modo capitalista de produção e o advento de uma nova sociedade, que eduque para a valorização do ser e não do ter.

FUNDAMENTOS IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS DE EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA NAS OBRAS DE MARX E ENGELS

Partimos do pressuposto de há, nas obras de Marx e Engels, sem dúvida, uma concepção implícita e explícita de educação e de pedagogia, que pode ser acessada através da leitura direta de seus textos, onde a parte implícita implica numa exegese do sentido dialético e crítico do conceito dessas categorias e a parte explícita é apresentada em textos onde os autores se posicionam criticamente sobre a prática mesma da educação e da pedagogia no momento histórico da realidade temporal deles. Esta afirmação não fazemos sozinhos, mas em consonância com estudiosos, como por exemplo: Lombardi (2011); Menezes (2024); Manacorda (2017); Cambi (1999), entre outros.

Mesmo se quiséssemos reduzir a educação ao seu aspecto formal, ou seja, enquanto aparato curricular e enquanto ambiente físico da Escola e da Universidade, ainda assim seria possível identificar no pensamento dos autores elementos pedagógicos suficientes para defender essa afirmativa, conforme afirma Manacorda, “nos textos de Marx - e nos de Engels, que são absolutamente inseparáveis - revela, sobretudo, a existência de textos explicitamente pedagógicos [...]” (Manacorda, 217, p. 32).

Existem também diversos aspectos da reflexão e da prática marxiana-engelsiana presentes em suas obras e militância política que consideramos

suficientes para uma defesa lúcida e pertinente, servindo de demonstração de seu inegável conteúdo educativo, que, num segundo momento, abstraindo-se o sentido profundo do conceito de educação, pode, inclusive, servir como exemplo de aplicabilidade instrucional e curricular. É o caso, por exemplo, das recomendações dos mesmos, num determinado momento histórico de luta da classe operária, a *Internacional*, onde recomenda-se conteúdos e métodos de ensino.

Defendemos que a questão da educação em Marx e Engels, quer em seus fundamentos implícitos ou explícitos, não pode ser compreendida sem uma análise crítica de três categorias fundamentais: **epistemologia**, **história** e **método**. Essas categorias são imprescindíveis, se partirmos da educação como processo de consolidação da formação humana.

Por isso, também não é possível pensar e praticar a educação sem atentar para a questão do modelo de produção e reprodução da vida humana na sociedade capitalista, porque, como declaram os autores no *Manifesto Comunista*, “na sociedade capitalista, a cultura, cuja perda o burguês deplora, é, para a imensa maioria dos homens, apenas um adestramento que os transforma em máquinas” (Marx; Engels, 2010, p.54).

A educação, portanto, precisa ser tomada a partir da própria realidade das condições de trabalho em que está submetida a sociedade vigente. Logo, na sociedade capitalista, ela precisa ser tomada como meio pelo qual a classe trabalhadora possa municiar-se das condições necessárias para transformação do sistema e a implementação de um outro, capaz de promover dignidade a todos, por meio de uma organização da produção da vida material. Sendo assim, de acordo com Marx e Engels, os burgueses percebem isso e querem barrar tal processo, tendo como ponto de partida acusações contra os comunistas, através de uma tentativa de desvirtuar seus ideais educativos, cabendo, dessa forma, a análise de marxianos contemporâneos:

Não há, para ele, objeto sem sujeito, como não há sujeito sem objeto. Nenhum dos polos dessa relação, sujeito e objeto, é posto como um dado *a priori*; eles se constituem na relação. Quer dizer, Marx não considera o indivíduo humano apenas no seu caráter objetivo, determinado, mas em seu vir-a-ser. E é nesse vir-a-ser, nesse processo, que se criam novas formas de objetivação que possibilitam, por sua vez, novas formas de subjetivação. (Chagas *et al*, 2012a, p. 39).

Dessa forma, há, nos autores, uma concepção universal de educação, em contraposição ao projeto burguês que promove adestramento aos trabalhadores e educação intelectual para as classes dominantes. Isso é percebido por eles na realidade trabalhista do operariado do século XIX que, frente às mudanças nos mecanismos de produção, com a introdução das máquinas e da divisão do trabalho, recebe apenas instrução. Declaram:

O crescente emprego de máquinas e a divisão do trabalho despojaram a atividade do operário de seu caráter autônomo, tirando-lhe todo o atrativo. O operário torna-se um simples apêndice da máquina e dele só se requer o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender. Desse modo, o custo do operário se reduz, quase exclusivamente, aos meios de subsistência que lhe são necessários para viver e perpetuar sua espécie. Ora, o preço do trabalho, como de toda mercadoria, é igual ao seu custo de produção. Portanto, à medida que aumenta o caráter enfadonho do trabalho, decrescem os salários. Mais ainda, na mesma medida em que aumenta a maquinaria e a divisão do trabalho, sobe também a quantidade de trabalho, quer pelo aumento das horas de trabalho, quer pelo aumento do trabalho exigido num determinado tempo, quer pela aceleração do movimento das máquinas etc. (Marx; Engels, 2010, p. 46).

Não é possível pensar em educação, escola, currículo etc., sem uma crítica direta à forma como o sistema burguês de produção explora os trabalhadores, as mulheres e as crianças. Pois como eles bem observam, “As diferenças de idade e de sexo não tem mais importância social para a classe operária. Não há, senão, instrumentos de trabalho, cujo preço varia segundo a idade e o sexo” (Marx; Engels, 2010, p. 46).

Os autores nunca escreveram uma obra sobre educação, sobre epistemologia, nem sobre história, método ou currículo, com exceção da obra *História da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels. No entanto, seus escritos e suas posturas filosóficas, políticas e de militância, junto a uma classe social determinada, a classe dos trabalhadores, reúne elementos científicos suficientes para pretendermos extrair daí fundamentos para se pensar a educação, tanto a de sua época, como a de agora.

Nas obras de Marx e Engels a perspectiva educacional, se partirmos de seus aspectos implícitos, está para além da formalidade curricular e do espaço restrito da Escola ou da Universidade. A Escola e a Universidade têm sua importância, que não é pequena, uma vez que representa uma conquista histórica significativa no processo de desenvolvimento humano.

No entanto, existem outros espaços também importantes, que dão grandes contribuições ao processo de ensino e aprendizagem. Na perspectiva marxiana e engelsiana desses espaços também fazem parte as lutas de reivindicação dos direitos da classe trabalhadora. Eles estão direta e indiretamente ligados à educação, em todos os níveis e fases, uma vez que é a partir destas lutas que a educação se consolida no real concreto da sociedade.

A epistemologia, na filosofia de Marx e Engels, é tomada como junção do pensamento e da realidade dada, experimentada, na relação direta do homem com a natureza e com os outros homens. A natureza é movida por um processo dialético de contradições e superações e é esse processo que movimenta o ato de se conhecer. Conhecer, portanto, não é “um milagre”, ou uma “mágica” operada pelos mecanismos do cérebro humano que detecta aquilo que é e aquilo que não é. Pelo contrário, a partir das relações estabelecidas com a natureza e com os outros homens é que o conhecimento se consolida como aprendizado.

A educação, portanto, enquanto produção de ideias, enquanto representação da consciência humana, na concepção de Marx e Engels, está profundamente marcada pela forma como os homens produzem a sua vida material. Neste sentido, a gnosiologia marxiana e engelsiana rejeita o formalismo kantiano e o idealismo hegeliano, por entender que o primeiro não sai da dimensão formal do pensamento e o segundo situa o homem e a história num determinismo sem precedentes. Desta forma, propõem uma nova concepção, qual seja, o princípio dialético da produção das ideias a partir da atividade material com a linguagem da vida real. Em a *Ideologia alemã* declaram que,

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparece, aqui, como emanção direta de seu comportamento material (Marx; Engels, 2007, p. 93).

Assim como a epistemologia, a história também se constitui a partir do movimento dialético de contradições. Marx e Engels defendem que o processo de desenvolvimento humano se dá na história, e essa, para eles, está totalmente vinculada à forma como o ser humano produziu e produz a sua própria sobrevivência. Por isso, antes de qualquer outra análise pertinente das questões humanas, é preciso

compreender seu principal fator determinante, que é a forma de relação que o homem estabelece com a natureza e com os outros homens, para sobreviver.

[...] devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (Marx; Engels, 2007, p. 32-33).

O método científico presente nas obras de Marx e de Engels pode ser tomado, aqui, em relação à nossa pretensão de defesa de um princípio pedagógico, como um caminho revolucionário de apreensão do conhecimento. Para eles, a dialética idealista hegeliana não dá conta do real concreto, simplesmente porque emprega apenas o princípio racional do pensamento, sendo que é preciso também intercalá-lo com a realidade material. Em *O Capital*, v. 1, Marx afirma:

Meu método dialético não só difere em base ao método hegeliano, mas é exatamente o oposto. Para Hegel, o movimento de pensamento, que ele personifica sob o nome da ideia. Para mim é o contrário, o movimento do pensamento é apenas o reflexo do movimento real, transportado e carregado no cérebro do homem (Marx, 1960, p. 29).

Voltando à questão epistemológica, precisamos situar Marx e Engels na Europa do século XIX, sacudida pelo Iluminismo, movimento intelectual que protagonizou o nascimento de uma nova concepção de homem, reivindicando a superação dos ideais do *Ancien Régime* e a educação como possibilidade de efetivação do conhecimento científico, superando assim muitas amarras do ato de conhecer, como, por exemplo, as crenças, os mitos e o achismo.

Neste sentido, a educação, enquanto epistemologia, está ligada à filosofia, que, através dos pensadores, imprime uma forma teórica de ver a realidade. A primeira grande referência desse período, depois de Rousseau, é Kant. Depois, Hegel e, posteriormente, Marx e Engels. “Para Kant, não é o sujeito que gira em torno do objeto, mas pelo contrário, é o objeto que gira em torno do sujeito. Por isso, o conhecimento é fruto da consciência humana” (Lima, 2024, p. 33).

Kant e Hegel são referenciais para Marx e Engels, que os toma não apenas como ponto de partida, mas também como portadores de um método científico do ato de conhecer que precisa ser superado. Com Kant, a filosofia alemã assume um lugar de destaque na *Alfklärung*, termo filosófico alemão que significa iluminismo, esclarecimento, ganha destaque no cenário do pensamento filosófico como símbolo de uma nova era, uma nova perspectiva da forma de pensar e ver o mundo. Hegel também, posteriormente, com seu sistema filosófico e principalmente sua dialética, torna-se um filósofo fundamental no cenário europeu dos ideais modernos, aos quais estão situados os rumos da educação.

Marx e Engels são críticos tanto de Kant, quanto de Hegel, embora Hegel seja mais útil a eles por conta de seu método dialético. No entanto, aqui, cabe uma observação importante: a dialética marxiana e engelsiana não é a mesma de Hegel. A diferença principal, grosso modo, está em seu ponto de partida. A dialética hegeliana parte das ideias, a de Marx e Engels, da realidade dada, conforme observada sua crítica direta a Hegel, em *A miséria da filosofia*, declara:

Para Hegel [...] tudo o que ocorreu e que ainda ocorre é precisamente o que ocorre em seu próprio raciocínio. Assim, a filosofia da história não é mais que a história da filosofia, de sua própria filosofia. Já não há a “história de acordo com a ordem temporal”; há apenas a “sucessão das ideias no entendimento”. Ele acredita construir o mundo pelo movimento do pensamento, mas apenas reconstrói sistematicamente e ordena segundo o método absoluto as ideias que estão na cabeça de todo o mundo (Marx, 2017, p. 101).

Na verdade, os autores se posicionam criticamente em relação a toda filosofia alemã, incluindo a própria esquerda hegeliana, da qual Marx fez parte por determinado tempo. Podemos, portanto, dividir a questão da educação em Marx e Engels em mais outros três pontos fundamentais, além dos já citados: **crítica à filosofia idealista alemã; crítica ao modo de produção capitalista**; e a defesa do **comunismo** como base fundamental de superação deste sistema de produção.

Observamos, portanto, que, quanto aos aspectos implícitos de educação e pedagogia, em Marx e Engels eles se dão a partir do desenvolvimento de grandes temas filosóficos, reunidos em torno de problemas antropológicos, análise dos mecanismos ideológicos do sistema capitalista, que englobam questões sociológicas, presentes, por exemplo, na alienação ou estranhamento do trabalho, na perspectiva

de superação da condição unilateral do homem e o resgate de sua omnilateralidade, superação da divisão do trabalho e sua harmonização com o ócio, o tempo livre.⁴

ASPECTOS EXPLÍCITOS DE UMA PEDAGOGIA DIALÉTICA E CRÍTICA

Como, quando e onde se apresenta nas obras de Marx e Engels as questões pedagógicas relativas aos seus ideais de educação? Se apresenta em textos e datas específicas que detalharemos aqui, a partir dos seguintes temas: instrução e trabalho; ensino e trabalho infantil; relação entre escola e sociedade, Estado e igreja; análise e propostas de conteúdos educativos.

Seguindo aqui o respeitado estudo de Manacorda (2017), podemos identificar nas obras de Marx e Engels uma pedagogia elaborada e vivida pelos autores num período de quase trinta anos, em “momentos cruciais tanto da sua investigação como da história do movimento operário” a partir de três programas políticos:

- 1- 1848: primeiro movimento do Partido Comunista pró-revolução;
- 2- 1866: organização da I Associação Internacional do Trabalhadores;
- 3- 1875: Criação do Primeiro Partido Operário Unitário alemão.

Desta forma, Manacorda defende que em ordem cronológica os textos que contêm manifestação explícita da educação nos autores devem seguir o seguinte esquema:

1847: primeira versão do *Manifesto comunista*, intitulada *Princípios do comunismo*, redigida por Engels, no mês de novembro deste mesmo ano.

1848: versão definitiva do *Manifesto*, redigida por Marx no mês de janeiro.

1875: além dos escritos, a militância política dos autores junto à classe operária.

A primeira menção à educação, nesses textos, é de Engels, no parágrafo 18 dos *Princípios do comunismo*, quando se manifesta sobre a indagação dos primeiros passos de uma constituição democrática em um provável cenário da revolução comunista. Ao que responde: “instrução a todas as crianças, assim que possam prescindir dos cuidados maternos, em institutos nacionais e a expensas da

⁴ Sobre esta concepção implícita de educação em Marx e Engels, recomendamos a leitura de (Cambi, 1999, p. 482-485).

nação. Instrução e trabalho de fábrica [Fabrikation] vinculados” (Marx; Engels, 1948 c, p. 276-280, apud Manacorda, 2017, p. 34). E sobre a educação numa possível sociedade comunista, Engels continua, no capítulo 20:

A divisão do trabalho, já minada pela máquina, que transforma um em camponês, outro em sapateiro, outro em operário de fábrica, e ainda outro em especulador da bolsa, desaparecerá por completo.

O ensino permitirá aos jovens acompanhar o sistema total de produção, colocando-os em condições de se alternarem de um ramo da produção a outro, segundo os motivos postos pelas necessidades da sociedade ou por suas inclinações. Eliminará dos jovens aquele caráter unilateral imposto a todo indivíduo pela atual divisão do trabalho. Deste modo, a sociedade organizada pelo comunismo oferecerá aos seus membros a oportunidade de aplicar, de forma onilateral, atitudes desenvolvidas onilateralmente (Marx; Engels, 1948 c, p. 276-280, apud Manacorda, 2017, p. 35).

Defendendo a eliminação da propriedade privada e da divisão do trabalho, Engels completa, sobre o ensino e aprendizagem: “o desenvolvimento onilateral das capacidades de todos os membros da sociedade, mediante a eliminação da divisão do trabalho até agora existente, mediante o ensino industrial (industrielle), mediante o alternar-se das atividades [...]” (Marx; Engels, 1948 c, p. 276-280, apud Manacorda, 2017, p. 36).

Depois, já no *Manifesto comunista*, Marx se posiciona sobre a educação: “educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje, Associação da educação com a produção material etc. (Marx; Engels, 2010, p. 58).

Agora, vejamos como se apresentam as questões educacionais nas *Instruções aos delegados: 1866-67*. As *Instruções*, Marx entregou aos delegados do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Genebra, nos primeiros dias de setembro de 1866. Essas *Instruções* são “indissociáveis da elaboração contemporânea de *O Capital*” (Manacorda, 2017, p. 40). As principais orientações sobre ensino e pedagogia são:

Por ensino entendemos três coisas:

Primeira: ensino intelectual; Segunda: educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares; Terceira: adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios.

Com a divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico [...]. A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias (Marx; Engels, 1962, p. 192-195 apud Manacorda, 2017, p. 42).

Trinta anos depois do *Manifesto Comunista* e quase dez anos após os últimos escritos sobre educação, em 1875, numa obra primeiramente intitulada *Notas às margens ao programa do partido operário alemão*, depois intitulada *Críticas ao programa de Gotha*, Marx defende uma série de medidas necessárias à educação, que estão descritas na referida obra (Marx, 2012, p. 45-48):

B) “O Partido Operário Alemão exige, como base espiritual e moral do Estado: 1) Educação popular universal e igual sob incumbência do Estado. Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita.” Educação popular igual? O que se entende por essas palavras? Crê-se que na sociedade atual (e apenas ela está em questão aqui) a educação possa ser igual para todas as classes? Ou se exige que as classes altas também devam ser forçadamente reduzidas à módica educação da escola pública, a única compatível com as condições econômicas não só do trabalhador assalariado, mas também do camponês? “Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita.” 3) “Limitação do trabalho das mulheres e proibição do trabalho infantil.” Ao se referir à sua duração, às pausas etc., a regulamentação da jornada de trabalho já tem de incluir a limitação do trabalho das mulheres; do contrário, ela só pode significar a exclusão do trabalho das mulheres dos ramos de produção particularmente nocivos ao corpo feminino ou moralmente ofensivos a esse sexo. Se era isso que se queria dizer, então deveria ter sido dito. 4) “Supervisão estatal da indústria fabril, oficial e doméstica.” Diante do Estado prussiano-alemão, dever-se-ia exigir taxativamente que os inspetores só possam ser removidos por medida judicial; que todo trabalhador possa denunciá-los aos tribunais por violação do dever; que eles tenham de pertencer à classe médica.

De forma geral, a questão da educação aparece explicitamente nas obras de Marx e Engels, em seu aspecto formal, para fins de desenvolvimento humano, seguindo a seguinte estrutura, como contraponto ao sistema industrial vigente naquela realidade dos autores: ensino consorciado com o trabalho dividido em três classes: primeira classe, dos 9 aos 12 anos, duas horas de trabalho diário; segunda classe, dos 13 aos 15, quatro horas de trabalho diariamente e terceira classe, dos 16 aos 17 anos, seis horas de trabalho por dia. Isto está posto nas orientações aos delegados da I Internacional.

Posteriormente, nas atas da mesma Internacional, publicadas pelo Comitê Central do Partido Alemão da Unidade Socialista (SED), (Manacorda, 2017, p. 95-98),

Marx defende que tipo de escola os comunistas consideram adequado para a construção de uma nova sociedade: 1- ensino gratuito, universal e estatal, sem estar sob o controle do governo. O Estado deve financiar a escola, mas sem o direito de intrometer-se no ensino em si; 2- ensino intelectual e tecnológico, consorciado com o trabalho físico e os exercícios ginásticos; 3- ensino científico, com currículo abrangente em relação às disciplinas científicas e livre da intervenção da religião, da igreja, ou seja, ensino laico, sem orientação religiosa e sem ideologias partidárias e outras não pertinentes à escola.

A questão central, portanto, quanto à educação como processo de formação humana nas obras de Marx e Engels é: como fazer, ou seja, qual seria a pedagogia e para quê? Isto é, quais são os fundamentos educacionais e pedagógico implícitos e explícitos nos autores.

Um primeiro ponto a se considerar, o como fazer, é que há nas obras dos autores esses fundamentos, que aparecem tanto de forma implícita, diluída nas abordagens filosófica, econômica e política, quanto de forma explícita, já exposto acima. Consideramos que é possível extrair elementos educacionais de toda obra dos autores, mas que tais elementos aparecem mais nitidamente da seguinte forma: explícitos: *Princípios do comunismo* e *Manifesto Comunista* (1847-48); *Instruções aos delegados* da I Internacional (1866-67) e *O Capital*; *Crítica ao Programa de Gotha* (1875). Implícitos: *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844): questões relacionadas à crítica da economia política e a divisão do trabalho, aspectos positivos e negativos do trabalho, entre outras; *Grundrisse* (1857-58): problematização da ciência e tecnologia; *A ideologia alemã* (1846-47): a questão da materialidade da história e outras; *Crítica da economia política* (1859); *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884); *A guerra civil na França* (1871).

O segundo ponto, o para quê, nos situa nas questões propriamente ditas sobre o sentido do viver humano, que, para Marx e Engels, está totalmente desvirtuado na sociedade capitalista de produção. Este sistema arranca da essência humana a singularidade de seu gênero, transformando o ser social num simples instrumento de exploração do trabalho, que desemboca em todas as outras misérias próprias da sociedade burguesa. Assim sendo, o centro da problematização educacional é desvendar qual o sentido da educação e da pedagogia.

Dentro da lógica educacional e pedagógica marxiana e engelsiana, a finalidade da educação é a omnilateralidade, ou seja, o resgate do sentido completo da vida humana, livre e emancipada, o homem como senhor de si mesmo, de seu ser, de seu destino, de seu tempo, a partir da construção histórica de sua vida social: sem a divisão do trabalho, sem a divisão do saber em conhecimento prático e intelectual, e, principalmente, o homem livre da exploração do modo de produção capitalista. O fim da educação é a formação do homem universal. Isto está muito claro e pode ser vislumbrado, por exemplo, nos *Manuscritos de 1844*, quando Marx expõe as limitações do sistema econômico capitalista, onde quanto mais o homem trabalha, menos tem e menos humano é. Também em *A ideologia alemã*, na exposição da negatividade do trabalho, e em *A miséria da filosofia*, nas denúncias contra a formação da idiotização coletiva, a partir da exploração do trabalho. Em suma, há nas obras dos autores farta bibliografia e volumosos textos qualitativos para uma reflexão consistente sobre educação e formação humana.

Desta forma, a educação em Marx e Engels ultrapassa o ambiente formal do ensino e aprendizagem, exatamente porque esse ambiente é apenas parte da conjuntura onde o indivíduo aprende e apreende a realidade, pois é também na vida prática que ele continuará se desenvolvendo enquanto educando e educador.

Uma primeira demonstração da aprendizagem para além do espaço escolar é apresentada pelo próprio Marx em seu relato de experiência com a luta popular, quando em 1842/43 ele se vê diante de uma situação prática que exige de si uma ação que demanda a aplicabilidade de um conhecimento do qual ele possui especialidade acadêmica. Trata-se de seus conhecimentos jurídicos, quando teve de defender os camponeses do Vale do Mosela, no debate sobre o livre-comércio e proteção aduaneira. Como ele mesmo descreve:

Minha especialidade era a Jurisprudência, a qual exercia contudo como disciplina secundária ao lado de Filosofia e História. Nos anos de 1842/43, como redator da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*), vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o sr. Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a Gazeta Renana sobre a situação dos camponeses do Vale do Mosela, e finalmente os debates sobre o livre-comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para ocupar-me de questões econômicas (Marx, 2005, p. 50).

Nesta e em muitas outras situações práticas da Filosofia marxiana-engelsiana a educação aparece como prática e teoria da formação integral do homem, se constituindo no processo histórico da vida material e espiritual do ser social, ou seja, diretamente ligada às formas como os povos se organizam no trabalho e nas diversas outras esferas sociais daí decorrentes, como movimento “vivo” e intenso de garantia da sobrevivência material, em primeiro lugar.

Por isso, abordar o tema educação nesses autores implica analisar também as diversas manifestações do fazer educativo e humano, que pode se dar tanto de forma sistematizada, ou seja, o ensino enquanto atitude intencional para se alcançar determinado fim curricular, como enquanto necessidade básica de estratégias e outros meios de luta surgida do conflito histórico da luta de classes, potencializador do se fazer humano, como exposto por Chagas et al. (2012b) no livro *Indivíduo e educação na crise do capitalismo* que, entre muitas coisas, analisa a relação intrínseca entre ser humano e a vida material:

O indivíduo é, em primeira instância, um ser real, natural vivente, um ser orgânico, possuidor não só de necessidades naturais, mas também de potencialidades, capazes de autofabricar o próprio indivíduo, de produzir as condições de sua própria vida material, os meios para satisfazer as suas necessidades vitais (Chagas et al, 2012b, p. 39).

Sendo assim, há aqui também um outro ponto importante sobre a educação e a própria história da luta pela sobrevivência humana, que é a Educação formal, proposta pela classe que controla o poder e a Educação não formal. A primeira pode conter em si mesma, através de seu currículo, de seu método e de sua própria gnosiologia, elementos que objetivam manter o controle do poder, através da perpetuação de mando das classes dominantes, a manutenção de seus privilégios, através da exploração de outras classes e etc., enquanto que a segunda é exatamente o seu oposto, isto é, a tentativa de libertação das classes oprimidas⁵. A questão da educação no pensamento de Marx e Engels precisa, portanto, ser situada historicamente, tanto a partir do seu arcabouço teórico, quanto de seu método científico de consolidação do saber.

⁵ Sobre esta perspectiva de análise da educação, sugerimos uma leitura de (Brandão, 1984).

CRÍTICA À FILOSOFIA IDEALISTA ALEMÃ

Embora Kant defenda o conhecimento como base fundamentalmente humana, isto é, o homem como sujeito do ato de conhecer, esse conhecimento está limitado, uma vez que *a coisa em si* está fora do cognoscível. Já Hegel, mesmo superando essa dicotomia kantiana e defendendo a inseparabilidade entre realidade e conhecimento, o racional como real e o real como racional, ele ainda pressupõe uma teleologia guiada pelo espírito absoluto que a tudo dá finalidade. Contra Kant, relatam Marx e Engels:

Kant se contentou com a simples “boa vontade”, mesmo que ela não desse qualquer resultado, e situou a realização dessa boa vontade, a harmonia entre ela e as necessidades e os impulsos dos indivíduos, *no além*. Essa boa vontade de Kant corresponde totalmente à impotência, ao abatimento e à miséria dos burgueses alemães, cujos interesses mesquinhos nunca foram capazes de evoluir para interesses nacionais e coletivos de uma classe, e que, por isso mesmo, foram continuamente explorados pelos burgueses de todas as outras nações (Marx; Engels, 2007, p. 193).

Para Marx e Engels, um outro problema kantiano diz respeito à concretização da liberdade. Ela está submetida à esfera da subjetividade, como o próprio Kant afirma na *Fundamentação da metafísica dos costumes*: “neste mundo, e até fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: uma boa vontade” (Kant, 1980, p. 109). Ou seja, o projeto de liberdade em Kant apela para o imperativo categórico de uma boa vontade que em última instância está presa ao dever, ou seja, a uma lei moral universal. Desta forma, não entra em discussão a vida imediata do homem, que está limitada por muitas circunstâncias históricas materiais que precisam ser transformadas.

Também quanto a uma prática educativa, Kant pondera: “uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo” (Kant, 1999, p. 23). Bem explícito em *Sobre a pedagogia* há quatro pilares fundamentais: a disciplina, a cultura, a educação em sentido estrito e a moralidade. A disciplina é a responsável pelo freio à selvageria e à animalidade; a cultura, pela instrução e pelo ensinamento.

A educação, em sentido estrito, tem como principal objetivo socializar e refinar o homem, enquanto a moralidade é a responsável para conduzir o homem à

escolha dos fins bons⁶. A questão aqui, na concepção de Marx e Engels, é a pergunta pela realidade, pelo momento histórico presente, que foi consolidado pelo trabalho e os fatos passados de submissão da classe trabalhadora. Que liberdade? Liberdade para quem? Onde? Neste sentido, a educação não pode ficar apenas no abstracionismo racional, é preciso partir da necessidade transformativa do momento presente.

Também contra Hegel os autores questionam o desenvolvimento da história a partir do princípio absoluto das ideias, como se tudo já estivesse determinado e a sociedade fosse apenas fruto do desenvolvimento, do desdobramento dos princípios racionais do espírito, o que não se verifica de forma alguma. Para Marx e Engels, a história é possibilidade, é construção que poderá tomar outro rumo, a depender de como os homens produzirão seus meios de sobrevivência, ou seja, tudo a partir da organização do trabalho.

A história não está dada. Para eles, a história se apresenta como um presente, resultado do passado, e que deve ser transformada radicalmente, em seus aspectos trabalhistas e políticos. Eles apresentam “um posicionamento político claro de comprometimento com esta transformação estrutural da sociedade” (Menezes, 2015, p. 103). Sendo assim, a história não se apresenta apenas como um amontoado de fatos históricos, mas, como possibilidade de transformação estrutural da sociedade capitalista, ou seja, como devir da perspectiva da totalidade histórica.

CRÍTICA AO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E DEFESA DO COMUNISMO

Marx e Engels abordam a educação na dimensão de uma luta de classes que sempre existiu, que historicamente criou o sistema de produção capitalista e reivindicam que, por meio de seu tempo presente, o proletariado tome como missão revolucionar o saber e, por meio dele, captar a lógica de exploração econômica, tornando-se capaz de, através dos trabalhadores, criar um novo sistema de produção onde não haja exploração das classes, mas partilha dos bens produzidos. De certa forma isto está dito no Prefácio à edição alemã, do *Manifesto Comunista* de 1883, onde Engels diz:

⁶ Sobre a educação em Kant, Cambi (1999, p. 361-364) faz uma análise detalhada do tema.

A ideia fundamental que percorre todo o Manifesto é a de que, em cada época histórica, a produção econômica e a estrutura social que dela necessariamente decorre constituem a base da história política e intelectual dessa época; que, conseqüentemente (desde a dissolução do regime primitivo da propriedade comum da terra), toda a História tem sido a história da luta de classes, da luta entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas e as dominantes nos vários estágios da evolução social; que essa luta, porém, atingiu um ponto em que a classe oprimida e explorada (o proletariado) não pode mais libertar-se da classe que a explora e oprime (a burguesia) sem que, ao mesmo tempo, liberte-se para sempre toda a sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes – este pensamento fundamental pertence única e exclusivamente a Marx (Marx; Engels, 2010, p. 74).

A situação de exploração do sistema capitalista não veio do acaso, por isso, também não findará casualmente, mas apenas por meio da luta daqueles que são os responsáveis pela produção da sobrevivência material de todos, ou seja, a liberdade só virá pela consciência e luta da classe trabalhadora. Sobre como surge o sistema de produção capitalista, Marx e Engels explicam:

A grande indústria criou o mercado mundial, preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou enormemente o desenvolvimento do comércio, da navegação e dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento reagiu, por sua vez, sobre a expansão da indústria; e, à medida que a indústria, o comércio, a navegação e as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando seus capitais e colocando num segundo plano todas as classes legadas pela Idade Média (Marx; Engels, 2010, p. 41).

Para os autores, a situação de miséria criada pela burguesia será também a responsável pela sua derrocada. “A burguesia fornece aos proletários os elementos de sua própria educação política, isto é, armas contra ela própria” (Marx; Engels, 2010, p. 48).

Até o presente, a revolução não se deu, por isso, também não houve uma mudança radical de rumo da educação, ela continua existindo para fundamentar e amparar o ideal capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar, há, nas obras de Marx e Engels, de forma implícita e explícita, uma concepção crítica de educação e pedagogia, perfeitamente suficiente tanto para conhecermos a prática educativa de sua época, século XIX, pós-advento dos ideais iluministas — dos quais os autores também são críticos —, quanto para pensarmos uma educação para os dias atuais.

Olhando criticamente para a educação atual, não podemos chegar a outra conclusão senão a de que ela continua formando unilateralmente: pela divisão do ensino em profissional e acadêmico, ou seja, como já denunciavam Marx e Engels, formação para o trabalho, para os trabalhadores e seus filhos e nível acadêmico para outros; formação mercadológica para atender a avaliações de cunho produtivista e duvidoso, bem como seu resultado, a precarização geral.

Existe na filosofia de Marx e Engels não só a demonstração de uma educação e pedagogia, de forma geral, a de sua realidade e a atual, como também elementos suficientes para pensarmos uma outra forma de saber, uma outra forma de escola, uma outra forma de educação, pedagogia e ensino, uma outra ciência, com outros métodos e outros objetivos que não o mercadológico.

No entanto, não há aqui espaço para ingenuidade, no sentido crítico dos rumos capitalistas da educação, ou seja, não podemos achar que a educação vai passar por uma transformação radical, neste sistema capitalista vigente, de exploração geral da maioria e em benefício de uma pequena minoria de milionários e bilionários mundiais. Não é possível pensar a realidade educacional sem referir-se à realidade socioeconômica de um sistema de produção que continua e continuará explorando o ser humano, em benefício dos donos do capital.

A escola e a universidade vão formar para quê? Para a uberização? Para a operacionalização telemática geral? Para a fabricação e venda de medicamentos entorpecedores da maioria? Para a fabricação de automóveis particulares e a destruição das relações pessoais e do planeta Terra? Educar, formar para quê? Educação, pedagogia e ensino para quê? Para quem?

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 11ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999 - (Encyclopaideia).

CHAGAS, Eduardo et al. **Indivíduo e educação na crise do capitalismo**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012b.

CHAGAS, Eduardo et al. **Subjetividade e educação**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012a.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LIMA, Marcos Antônio Bezerra. **Pressupostos éticos na filosofia do jovem Marx**. 134 p. (Mestrado Acadêmico em Filosofia) - Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=113554> Acesso em 26 de maio de 2025.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e Ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. [tradução Newton Ramos-de-Oliveira]. Campinas, SP; Editora Alínea, 2017, 3ª edição.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. Coleção Marx-Engels, São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Coleção Os Pensadores, Nova Cultural, São Paulo, 2005.

MARX, Karl. Le capital. I.III, t.3. Paris, Éditions Sociales, 1960.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **II manifesto del partito comunista**. Tradução: Emma Cantimori Mezzomonti. Turim: Einaudi, 1948 c.

MARX, Karl. Engels, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Organização e introdução Osvaldo Coggiola; [tradução do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. 1.ed. revista - São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. Engels, Friedrich. **a ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Neto. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. Instruções para os Delegados do Conselho Geral Provisório. As Diferentes Questões. Lisboa/Moscú, Editorial Avante!/Edições Progresso (traduzido do inglês pelo Prof. José Barata-Moura), 1982.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Um estudo sobre o conceito de história e tempo presente em Marx através da crítica da economia política de 1859**. 2015. 278 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2015.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Karl Marx e a Educação: Apontamentos sobre o método, pesquisa e ensino universitário na sociedade de classes**. Bady Bassitt, SP: Práxis Editorial, 2024.